

Senador ainda não está convencido da sua derrota

SÃO PAULO — Alegando não estar com “a cara boa”, o candidato do PSDB, Mário Covas, recusou-se ontem a dar qualquer declaração sobre seu desempenho na sucessão presidencial, após as primeiras apurações parciais em todo o País. Apesar da insistência dos jornalistas, Covas negou-se até a aparecer na janela do seu apartamento para ser fotografado. Através do assessor de imprensa, Washington Mello, ele mandou dizer que está “aguardando o resultado das urnas se consolidar para se manifestar depois”.

Para Covas, os resultados da eleição presidencial somente estarão mais sólidos a partir das 12 horas de hoje. Por enquanto, ele vê algumas possibilidades de mudança e, por isso, considera prematuro fazer considerações.

O candidato “tucano” passou a manhã ao telefone. Chegou a conversar com o Governador do Ceará, Tasso Jereissati, e com o Prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga. Devido à presença dos jornalistas diante de seu apartamento, na Rua Angelina Mafei, Jardim Paulistano, cancelou um almoço. Na madrugada de ontem, Covas concedera rápida entrevista. Segundo ele, seu crescimento nas pesquisas de intenção de votos coincidiu com o lançamento da frustrada candidatura do empresário e animador de televisão Silvio Santos.

Apesar de dar a entender que isso prejudicara seu desempenho na reta final da campanha, Covas afirmou na véspera:

— Isso, por si só, não é razão. Ganha eleição quem o povo quer que ganhe. Esta é a verdade. Temos que nos render à vontade do povo por-

que ele é o soberano e o juiz. Democracia é isso. De modo que, ganhe quem ganhar, vale a vontade do povo e ela tem que ser respeitada — proclamou.

Covas ainda não decidiu quem deverá apoiar no segundo turno. Para ele, a decisão deverá ser tomada pelo partido. Seja qual for o candidato a

ser apoiado o importante é que acate três pontos considerados importantes: 1) a implantação do parlamentarismo como sistema de governo, posição sempre defendida pelos “tucanos” na campanha; 2) construção de cinco milhões de casas populares em cinco anos; e 3) a renegociação da dívida externa.